

## Considerações finais

“O acabamento da obra funda e traduz o inacabamento do espírito. Toda obra humana, na medida em que se realiza, implica uma opção, uma perspectiva particular, uma limitação.”

Jean-Pierre Vernant

De uma forma geral, os escritos de Jung seguem padrões pouco sistemáticos no que diz respeito à ordenação das suas idéias e à formulação dos seus conceitos – *“I can formulate my thoughts only as they break out of me. It is like a geyser. Those who come after me will have to put them in order”* (Jung apud Jaffé, 1970: 8). Esta característica se acentua especialmente nos seus últimos trabalhos<sup>165</sup>, sobre os quais Jaffé destaca *“the very profusion of creative ideas and of the material discussed opens out endless vistas, and the spontaneity of his style leads to occasional obscurities”* (Jaffé, *ibid.*).

Tendo em vista estas observações – que eu pude confirmar ao longo do meu trabalho de pesquisa –, tornou-se por vezes problemática a tarefa de organizar, e posteriormente relacionar os conceitos, ou mesmo de mapear historicamente (quando pareceu-me necessário) a sua evolução ao longo da obra junguiana. Esta dissertação constituiu, portanto, uma tentativa de levantamento e organização de alguns dos conceitos que estariam mais diretamente relacionados à temática alquímica tal como abordada pelo autor, para compreender *por que e de que forma* se daria a sua articulação com a teoria e/ou a prática da psicologia analítica.

Ainda que a aproximação entre alquimia e psicologia tenha, na obra de Jung, sido fundamentada a partir do viés do símbolo, o método de amplificação mostrou ser a principal ferramenta com a qual Jung procurou validar suas hipóteses. As considerações sobre a amplificação estariam, em princípio, mais restritas à discussão e à interpretação do *Caso da Senhora X*, mas o método esteve

---

<sup>165</sup> Os quais se referem à temática alquímica de forma mais específica e aprofundada.

constantemente presente nas diferentes passagens dos textos junguianos analisados, mostrando ser o principal fundamento de comprovação teórica das hipóteses do autor – inclusive no que diz respeito à alquimia:

“Para Jung, o método da amplificação era também uma forma de demonstrar a validade do conceito de inconsciente coletivo. O modo como Jung compreendia o inconsciente coletivo, *inicialmente*, era de que este se compunha de imagens primordiais que eram, em grande medida, consistentes através de épocas e culturas. Como a amplificação envolve a reunião de paralelos provenientes de fontes diversas, poder-se-ia considerá-la como executando esta função evidente.”

Samuels, 2002: 8, grifo meu

Embora a existência de imagens primordiais no psiquismo tenha sido revista por Jung – que passou posteriormente a definir o conceito de arquétipo utilizando mais a noção de *forma* ou *padrão* do que a de *conteúdo*<sup>166</sup> –, foi a partir de levantamento desses conteúdos (através de amplificações) que ele encontrou a possibilidade de legitimar a conceito de arquétipo, e, por conseguinte, corroborar a hipótese do inconsciente coletivo: “Embora venham das mais diversas fontes, os dados usados para amplificação servem para ilustrar padrões e regularidades da psique objetiva<sup>167</sup>” (Edinger, 1990: 19):

“Por enquanto devemos contentar-nos (...) com o pressuposto de que a alma fornece tais imagens e formas, e somente elas tornam possível o conhecimento do (psiquismo).”

Jung, [1954] 2000a: 70

Alguns autores do campo da história com os quais pude tomar contato tendem a apontar uma psicologização excessiva na interpretação junguiana da alquimia, o que acarretaria uma visão a-histórica deste saber<sup>168</sup>. De fato Jung tem como foco principal a relação entre algumas manifestações psicológicas e “imagens simbólicas da alquimia (...), sem levar em conta o contexto de sua produção” (Beltran, 2000: 16).

Mas, ainda que esta apropriação se torne problemática no âmbito da história – “Este tipo de abordagem se apresenta mais frequentemente em estudos

<sup>166</sup> A análise desta questão merece um estudo mais aprofundado, cuja discussão não convinha abordar aqui.

<sup>167</sup> A expressão “psique objetiva” é usada como sinônimo de inconsciente coletivo.

que não são considerados como pertencentes ao campo da história da química” (id. *ibid.*) –, ela não se mostra necessariamente inválida, visto que seu objetivo fundamental reside menos na análise do fenômeno alquímico *per se* do que na sua interpretação segundo determinadas funções e categorias do símbolo, relacionadas a um *paradigma psicológico* – o qual não comporta necessariamente uma leitura histórica da alquimia.

É importante salientar que, de forma geral, os contemporâneos de Jung pareciam restringir este saber “à pré-história da química”<sup>169</sup> (Jung, [1946] 2000b: 329): “Até há pouco tempo, a ciência se ocupava apenas com o aspecto que a alquimia desempenhava na história da química”<sup>170</sup> (Jung, [1944] 1994: 34). A interpretação simbólica proposta pelo autor (ainda que inadequada do ponto de vista histórico) parece ter destacado a importância de determinados aspectos místico-filosóficos os quais possibilitaram novas leituras da obra, que não unicamente a de uma proto-química.

Como dito anteriormente, a alquimia é usada como um *modelo* para a legitimação de hipóteses circunscritas ao campo da psicologia analítica – “o que parece difícil para o historiador e o filólogo não representa obstáculo para o médico”, afirma Jung ([1955-56] 1989a: XVI). A leitura junguiana da arte teve fundamentalmente o objetivo de “estabelecer relações entre a imagem (alquímica) e seu significado psíquico” (Jung, [1946] 1990: 68): “(...) *it was the enigmatical and puzzling structure of the unconscious which brought me to alchemy*”:

*“I did not embark on this complicated and abstruse material from the start, but in the course of increasing experience, about ten or more years ago, I began to investigate it”<sup>171</sup>.*

Jung, [1941] 1960: 81

Ao chegar ao final deste trabalho, tenho a convicção de não ter esgotado a discussão acerca do tema proposto, bem como dos limites que representam a utilização de conceitos restritos ao campo psicológico. No entanto, ele representa uma contribuição no tocante à análise crítica em torno do pensamento junguiano

<sup>168</sup> Cf., por exemplo, Taylor (1976) e Greiner (1984). Beltran aponta autores que trabalham de forma mais específica os aspectos a-históricos na interpretação junguiana da alquimia (Beltran, 2000: 16, nota 7).

<sup>169</sup> Esta colocação baseia-se nos escritos de Jung.

<sup>170</sup> Jung menciona a obra de Von Lippmann para exemplificar este tipo de abordagem (para maiores detalhes, *id. ibid.*).

na atualidade. Neste sentido, estou me situando historicamente entre os pós-junguianos, a partir da definição dada por Samules ao termo<sup>172</sup>, que significa, fundamentalmente, “correction of Jung’s work and also critical distance from it” (Samuels, 1987: 2).

---

<sup>171</sup> Ver a Introdução do presente trabalho.

<sup>172</sup> A definição e as implicações do termo são trabalhadas de forma pormenorizada pelo autor no texto “Sobreviverão os pós-junguianos?” (2002) – vide bibliografia.